

LÍNGUA

Paola Amendoeira

*A Língua é minha pátria
E eu não tenho pátria,
tenho mátria
E quero frátria.*

(Caetano Veloso)

“É pelo sonho que vamos”

(Vasco da Gama)

A língua é um órgão muscular que, forrado de fino veludo, nos permite sentir os mais diversos sabores que compõem nosso paladar. Também tem importante papel na deglutição dos alimentos, uma vez que já se inicia nela toda uma decomposição que nos permitirá assimilar os nutrientes tão caros à vida. Aquilo que ocorre organicamente anuncia e promove as bases para que uma outra Língua se desenvolva. Já não única e de cada corpo/um, mas aquela que é compartilhada por um determinado grupo. Aquela que forma e é formada pela identidade de um grupo. É nela e através dela que se compartilha e se vive a cultura de um povo. A Língua viva contém e carrega em si a imensidão de signos e valores de uma determinada Cultura. A Língua é isso tudo e muito mais. É usada como elo que nos aproxima, mas também como signo que nos diferencia e divide. Da mesma forma, através do conhecimento da Língua de cada povo entramos em contato com nuances daquela cultura, com seus sabores, seus dissabores e sua história.

No Chiado de Lisboa encontramos o bom e velho chiado que tão rápido identifica o *carioca* no Brasil e no mundo. Apesar de duvidosa origem, em si mesma contém a casa do homem branco ou a casa dos carijós (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Carioca>) e em sua incerteza apresenta o bojo da brasilidade de nosso povo.

Estávamos então no fim da década de 50 e início da década de 60 quando do encontro entre Agostinho da Silva (exilado no Brasil fugindo de Salazar) e José Fernando Aparecido de Oliveira nasce a ideia de uma Comunidade de Língua Portuguesa a partir de um sonho. Naquela época, os países que falam português, como os conhecemos hoje, sequer existiam. Eram em sua maioria ainda colônias.

Em meio a uma série de dificuldades políticas Agostinho da Silva resolve vir ao Brasil,

mas com uma peculiaridade, perfazendo o percurso de Cabral e conclui: ‘Minha pátria é a Língua Portuguesa’.

O Português é uma língua feita pelo mar. Espalha-se como língua de viagens, de domínio, de opressão, mas também como memória e identidade. E na sua história pelo globo, hoje vemos ‘o mar como fronteira e a língua como ponte’. Navegar é preciso, viver...

Diz-se que ao entrar em contato com o projeto de Aparecido e Agostinho, Darcy Ribeiro teria dito: “Aparecido, você cravou uma lança na Lua” – expressão indígena (N. Marinho, em *Uma Lança cravada na Lua*, TRIEB Nova Série, vol. 9(1 e 2), p. 11-13, 2010).

Em 1985 foi criada oficialmente a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) que pretendia fazer com que os povos oriundos das navegações portuguesas se irmanassem de modo a se preservar suas identidades, humanidade e solidariedade, fomentando um desenvolvimento mais igualitário.

O que um dia foi um sonho, hoje é uma realidade.

A Língua viva é memória. Inscreve experiência, encarna e engendra sensações numa antiga techedura de cada um.

Através do registro da fala de Fernando Catroga sobre “A escrita da história como rito tanatológico”, na mesa apresentada no Primeiro Congresso de Psicanálise de Língua Portuguesa, realizado em Lisboa em maio de 2016, entramos em contato com a importância da escrita da história para que a memória não se esqueça. Pois que o esquecimento é uma corrupção do tempo.

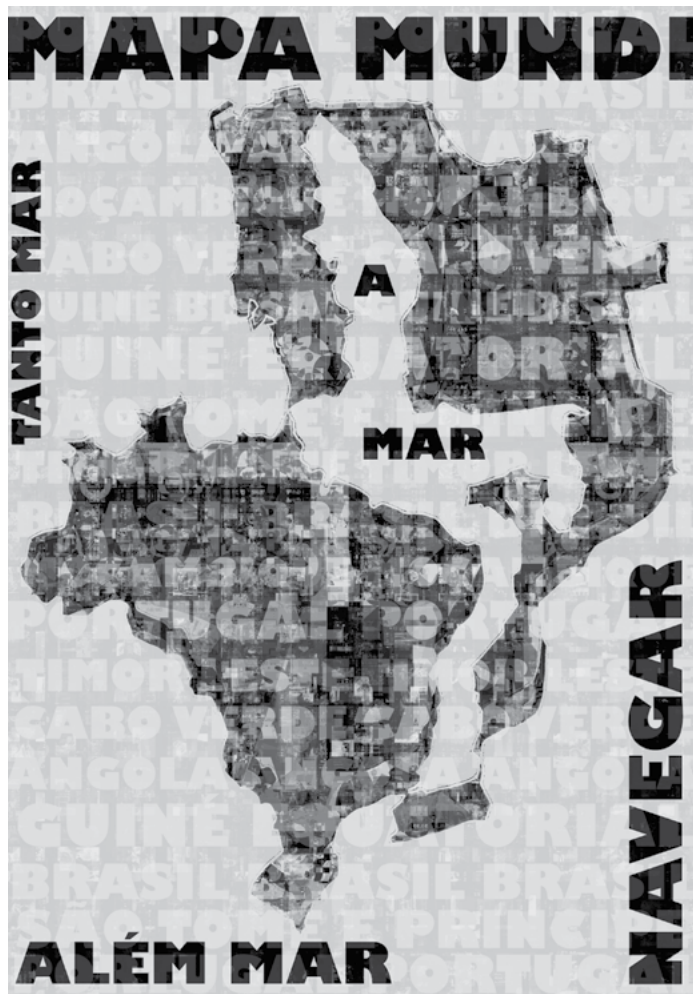
Contar uma história é a *narrativação* de um tempo.

Não há história da memória sem história do esquecimento.

Para lembrar tem que esquecer.

Enquanto memória, o passado tem futuro.

Memória como experiência do tempo.



O Mapa da Lusofonia, criado por Alexandre Ricciardi, traça um continente imaginário, entre o mar e o além-mar por onde vamos navegar. O continente da nossa língua detém um mar interno, A-MAR, aquele que pode nos unir.

É um engano pensar que o futuro não tem passado ou que o passado não tem futuro.

Vivemos uma cultura atual que vem paulatinamente eliminando o suporte para memória.

Um povo sem memória é um povo sem cultura.

Melhor meio de acabar com uma cultura é roubando-lhe a língua.

A língua é a memória viva.

Um grafite urbano, a língua da rua em símbolo 'atualizada', é escolhido como capa do Primeiro Congresso de Psicanálise de Língua Portuguesa: Violência, Memória, Identidade. Nele vê-se uma trabalhadora negra tirando uma máscara de mulher/homem branco. O artista explica: muitos são os 'portugueses' espalhados pelo mundo. Portugal recebe um sem-número de africanos migrantes que para lá escolhem ir por considerarem a mesma língua um facilitador de tamanha mudança. Na terra nova encontram empregos onde os patrões exigem que falem como o português de Portugal e não como o falado em suas terras

natais. A pintura representa o momento onde, exaustos e no fim do dia, cada um desses trabalhadores retorna ao seu bairro e não precisa mais falar o português do homem branco e pode falar o seu português.

Cai o pano.



Paola Amendoeira é membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo e representante da Comissão de Comunidade e Cultura da Sociedade de Psicanálise de Brasília na organização do Congresso de Psicanálise de Língua Portuguesa.